

**ARTE AFRICANA E AFRODIASPÓRICA DENTRO E FORA DA SALA DE
AULA: ENSINO DE HISTÓRIA, PEDAGOGIA DECOLONIAL E LEI 10.639/03
NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ**

Jacques Ferreira Pinto

Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ)/UFRJ

jacquesfp@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo relatar e analisar formas para o conteúdo a respeito da história do continente africano entre os séculos X e XV na disciplina História do Ensino Básico por um viés antirracista e decolonial. Os relatos e análises que seguem estão em diálogo com dois conceitos fundamentais para o pensamento decolonial: “racismo epistêmico” (GROSFOGUEL, 2007) e “colonialidade do saber” (LANDER, 2005; QUIJANO *apud* DE OLIVEIRA; CANDAU, 2010). Para além do mencionado, a arte africana também tomará importante papel no ensino e construção da temática mencionada enquanto elemento mobilizador.

Para refletirmos acerca de como o “racismo epistêmico” e a “colonialidade do saber” operam no ensino de História levamos em consideração as reflexões do grupo “Modernidade/Colonialidade” (BALLESTRIN, 2013) sobre a análise da constituição da modernidade europeia/colonial/racista nas Américas. A modernidade europeia teria uma face oculta calcada no extermínio nas epistemologias negras e indígenas nos processos de colonização de mentes, corpos e territórios iniciados no século XVI. A modernidade europeia ainda muito valorizada como momento de emancipação do ser humano no sentido do progresso civilizacional se daria às custas da eliminação de outras epistemologias não-ocidentais. Os conceitos de “racismo epistêmico” e “colonialidade do saber” contribuem para a compreensão teórica desses processos violentos e concretos que atravessam diversos níveis da vida social, inclusive, o escolar.

Um exemplo de como tais conceitos operam nos currículos de História e nas práticas docentes na área se constata pelo silêncio (SANTOS, 2006) ou pouca relevância dos assuntos a respeito da África em comparação aos demais temas históricos localizados na Europa levando em conta um ano letivo completo. Tal fato toma maior proporção se considerarmos as relações históricas entre África e Brasil e o caráter legislativo da obrigatoriedade da história da África e da cultura afro-brasileira em toda rede de ensino do país com referência nas leis 10.639/03 e 11.645/08.

No Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp – UFRJ), escola de referência na cidade e à nível nacional, o conteúdo relacionado à história da África no 1º ano do Ensino Médio regular surge explicitamente no módulo “O Continente Africano entre os séculos X e XV”. Posteriormente, dependendo da abordagem do docente, surgiu também nos temas relacionados à “Mundo árabe-muçulmano: formação e expansão (séc. VII – XIII)”, “Expansão marítima europeia (séc. XV – XVI)” e “Colonização europeia nas Américas (séc. XVI – XVIII)”.

Cabe aqui, um ponto importante no que concerne ao conceito de modernidade europeia tal como é articulado geralmente na historiografia e currículos escolares tradicionais. A modernidade europeia se refere a um processo amplo localizado na parte ocidental da Europa marcado por uma crença gradualmente absoluta nas ações do homem para transformação progressista de tudo no mundo. Ao se distanciar um pouco dos valores medievais de relações sociais cristãs, a filosofia do Humanismo cresceu espantosamente gestando um movimento de centralidade no homem individualizado que teria ápices em revoluções como a Francesa de 1789.

Toda essa tradição de pensamento é geralmente localizada exclusivamente na Europa, porém evidencia-se que o foco na centralidade do homem de origem europeia se deu também em função dos processos de colonização encaminhados por nações como Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda nas Américas. O contato com povos diversos não-cristãos e não-brancos como africanos e indígenas acarretou para os pensadores europeus um grande problema na sua formulação de centralidade do homem europeu, pois outras formas de pensar e agir no mundo surgiam a partir dos contatos mais intensos.

A maneira escolhida de lidar com sociedades complexas e distintas da europeia ocidental foi aquela baseada na diferenciação ontológica e, conseqüente, intenção civilizatória para indígenas considerados passíveis desse tipo de processo e escravização de africanos. Tais posturas culminariam em processos violentos de extermínio de epistemologias e corpos africanos e indígenas ao passo que se poderia afirmar a universalidade do modo de pensar e viver europeu, cristão, ocidental e branco.

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

O planejamento pedagógico para a execução do módulo “O Continente Africano entre os séculos X e XV”, tinha como público de atuação turmas do 1º ano do Ensino Médio que disponham de três tempos semanais de cinquenta minutos cada. Para ministrar esse módulo programático, contamos com duas semanas definidas anteriormente ao passo que diminuimos tempos do conteúdo a respeito do período da história moderna europeia – escolha acertada em conjunto para uma melhor adequação do conteúdo programático de todo o ano letivo.

Inúmeros temas podem ser tratados a respeito da história africana no período anterior aos contatos mais diretos com exploradores europeus, mas alguns tópicos se sobressaem: os reinos ou núcleos de poder centralizado na região do rio Níger como os de Gana, Mali e Songhai e sociedades sem a figura de um Estado na mesma localidade. Como parte dos estudantes era recém-chegada à escola pelo processo seletivo de prova e sorteio e possivelmente não teria tido contato com história africana, optamos por antes de tratar mais especificamente do reino do Mali, fazermos uma espécie de introdução ao estudo da história do continente. Alguns estudantes que já vinham do CAp tinham tido contato com a temática referida por volta do 7º ano do Ensino Fundamental, mas se tornou importante reforçarmos aspectos introdutórios.

Do ponto de vista pragmático, inicialmente, partimos do tempo presente com imagens atuais de todos os cinquenta e quatro países africanos no sentido de apresentar a África contemporânea mesclando tradição e modernidade nas fotos expostas; seguimos a respeito de como se escreve e se escreveu a história do continente pelas

fontes orais, documentos escritos e arqueologia; e, em seguida, realizamos o recorte entre os séculos X e XV com destaque para o Reino do Mali e sociedades próximas.

Quando falamos em história da África e estendendo para qualquer outra temática, obter o conhecimento prévio dos estudantes sobre o assunto é tarefa imprescindível. Esse procedimento corriqueiro foi atrelado a uma atividade externa que tomou o protagonismo dentro do planejamento executado: a ida à exposição “Ex Africa” de arte africana contemporânea no Centro Cultural Banco do Brasil. Enquanto planejávamos na ponta do lápis os conteúdos a serem ministrados em sala de aula, pudemos visitar a exposição mencionada e refletimos sobre a possibilidade de levar os estudantes das turmas para uma visita coletiva como parte do planejamento pedagógico. Com a efetiva saída externa, o módulo programático giraria em torno da visita à exposição.

Mas antes de entrarmos nos detalhes a respeito da exposição artística, ainda na sala de aula, como mencionado, questionamos os alunos para coletar os conhecimentos prévios a respeito de África, da maneira mais ampla possível. No dia da visita à exposição que seria realizada no contraturno da tarde, reservamos momentos da aula para que todos respondessem em uma folha de caderno sem preocupações de certo ou errado, as seguintes perguntas: Quando falamos em África, no que vocês pensam? Da onde tiram essas informações?

Inúmeras foram as respostas dadas, mas, de uma maneira geral, as lembranças e informações ocorridas giravam em torno de aspectos negativos e positivos, dentre alguns estereótipos, como: pobreza, doenças, fome de crianças, a paisagem da savana africana, riqueza, “cultura diferente”, negros, “Copa do Mundo”, comidas da culinária afro-brasileira, entre outros aspectos. As fontes de informação seria aquelas da internet, televisão, senso comum (explicitado dessa maneira) e da própria escola. De uma maneira geral, os estudantes afirmavam a diversidade existente em África nas paisagens, culturas e etnias, alguns ressaltavam que existiam aspectos em comum entre os africanos mesmo que não conseguissem nomeá-los exatamente. Outros indicavam ainda os estereótipos existentes que identificavam difíceis de superar devido à mídia, por exemplo, uma aluna disse ter muita dificuldade em pensar em grandes cidades e

metrópoles na África ou mesmo as imagens únicas de savanas ou desertos, pobreza e fome.

O momento de escrita das respostas mencionadas acima não foi debatido logo de imediato, atuamos no sentido apenas de oferecer tempo suficiente para a redação das ideias e receber as respostas sem preocupação inicial de ler e comentar. O retorno a partir do professor desses primeiros escritos só viria ao final dentro do planejamento, só após todo o conhecimento vivenciado e construído ao longo do módulo, principalmente no momento posterior à exposição.

Dentre os objetivos mais gerais de realizar a atividade na exposição “Ex Africa”, estavam: estimular a formação de visões que problematizam estereótipos tradicionalmente produzidos sobre a África; articular o conteúdo programático com os princípios pedagógicos estabelecidos pelas leis 10.639/03 e 11.645/08 que estabelecem a obrigatoriedade de se trabalhar o ensino da História da África, da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas e de suas contribuições para a formação social do Brasil; fomentar a elaboração de trabalhos produzidos pelos discentes no sentido de construir outras narrativas (autorais) sobre o continente africano e estimular a construção de projetos didáticos em diálogo com os demais setores curriculares da escola.

EX AFRICA

“Ex Africa” é uma exposição de arte africana e afrobrasileira contemporânea que contou com mais de oitenta obras dos seguintes artistas: Abdulrazaq Awofeso (Nigéria), Andrew Tshabangu (África do Sul), Arjan Martins (Brasil), Binelde Hyrcan (Angola), Dalton Paula (Brasil), Guy Tillim (África do Sul), Ibrahim Mahama (Gana), J. D. ‘Okhai Ojeikere (Nigéria), Jelili Atiku (Nigéria), Karo Akpokiere (Nigéria), Kiluanji Kia Henda (Angola), Kudzanai Chiurai (Zimbábue), Leonce Raphael Agbodjélou (Benim), Mikhael Subotzky & Patrick Waterhouse (África do Sul), Mohau Modisakeng (África do Sul), Nástio Mosquito (Angola), Ndidi Dike (Nigéria), Omar Victor Diop

(Senegal), Youssef Limoud (Egito) e Adé Bantu (Nigéria). As obras desses artistas estão expostas nos mais diversos suportes materiais, entre fotografias, pinturas, vídeos, performances, dentre outros que não se desconectam do patrimônio imaterial africano e afrodiáspórico geralmente recordado ao falamos em arte africana e afro-brasileira.

Segundo o catálogo da exposição (CCBB, 2018), a curadoria da “Ex Africa” foi compartilhada entre o alemão Alfons Hug, o sueco de origem camaronesa Simon Nijami e a dupla Adé Bantu & Aramide Akinosho. Apesar disso, a responsabilidade e visibilidade principal recaía sobre Alfons Hug, ponto de debate a respeito do evento exposto logo na inauguração pelo público, visto que, mais uma vez, seria um homem branco europeu organizando obras de artistas negros africanos enquanto detentor daquele que narra e monta para o público.

Outro ponto de debate também foi a pouca presença feminina africana e afro-brasileira na autoria das obras, mais uma vez apontando para contradições na curadoria da exposição que podem ser levadas para a sala de aula ou mesmo exposta pelos próprios estudantes. As contradições na curadoria da exposição e outras possíveis não são para serem menosprezadas ou ignoradas, visto que, geralmente, são pontos de inflexão nas narrativas construídas gerando intensos debates entre o público e, no nosso caso, entre os estudantes.

Dessa forma, para a visita à exposição a mediação pelos professores da escola foi fundamental no sentido de mobilizar a atividade de maneira reflexiva, lúdica e coletiva para uma maior aproximação dos estudantes com o conteúdo lecionado, mais amplamente, definido pela história da África e outros objetivos mencionados. E, sobretudo, por meio da exposição, poderíamos alcançar a ideia e realidade concreta de que os africanos são autores e produtores de conhecimento e protagonistas em suas realizações em contraponto ao racismo epistêmico e à colonialidade do saber.

A decisão de levar os estudantes para a exposição contou com algumas etapas prévias executadas apenas pelos professores de História como: ida prévia à exposição para identificar as possibilidades de trabalho, formulação de perguntas a serem feitas

aos estudantes com base no circuito das obras, operação da logística do deslocamento dos estudantes e definição da avaliação final do trimestre letivo – um diário da visita à exposição com a única obrigatoriedade de conter um texto escrito. A ida à “Ex Africa” teria o caráter de aula de campo contando com o transporte da universidade e com uma apresentação prévia para os estudantes na sala de aula sobre o espaço que iríamos visitar e no que os alunos deveriam estar atentos ao observar as obras.

Dentre as perguntas que orientariam os estudantes durante a exposição, nos focamos nas seguintes: Que África é representada na exposição? O que compartilhamos com os africanos representados na exposição? O que nos diferencia deles? Para a escrita do diário de visita, os estudantes deveriam ter essas questões em mentes, não no sentido de respondê-las estritamente, mas como apenas um direcionamento de ideias.

Dentre as obras contidas na exposição, podemos destacar um grande acervo nos mais diversos suportes como mencionado: pintura, fotografia, audiovisual, performances, músicas e esculturas. Nessa grande diversidade de cores, sons e imagens, conseguimos destacar a pluralidade de ideias em África que mesclam aspectos modernos ligados à globalização e ao tradicionalismo de variadas sociedades africanas. Cabe ressaltar que a relação entre modernidade e tradição exposta nas obras ultrapassa as dicotomias colocadas pelo Ocidente sobre os dois termos. Um dos exemplos dessa relação é a performance em audiovisual de um ritual Zulu do artista sul-africano Mohau Modisakeng¹.

A ideia de conectar o conteúdo programático da sala de aula com a exposição enquanto um espaço não formal de educação tomou como princípio as proposições da lei 10.639/03 complementada pela 11.645/08. Para além da obrigatoriedade, tomamos esse princípio numa tarefa de ressaltar o protagonismo negro em todas as áreas do conhecimento humano reforçando sua centralidade no desenvolvimento da humanidade e nas produções que denunciam e superam mazelas como o racismo preponderante na construção da gnose ocidental.

¹ Vídeo performance disponível pelo endereço <https://youtu.be/cZ5B12IP6As> (acessado em 16 de junho de 2019)

Nos inúmeros trabalhos respondendo à pergunta “Quando falamos em África, no que vocês pensam?”, nenhum dos alunos colocou a palavra “arte”. Isso foi exposto numa roda de conversa pelo professor após o retorno da atividade externa causando extremo desconforto e perplexidade por parte dos alunos. Algumas falas foram: “nossa, pode crê! A gente não escreveu arte e foi numa exposição artística no mesmo dia!” e outros discursos similares. Justificativas como “poxa, mas a gente escreveu cultura” também foram colocadas no debate, mas reforcei que a palavra “arte” não foi posta. E reforcei: “por que, então, nós não pensamos em arte quando falamos em África?”

A impossibilidade de associar Arte à África e ao negro é um dos inúmeros elementos que ressaltam a colonialidade do saber, pois usualmente só se pensa em Europa, e mais especificamente, em termos históricos disciplinares, nas obras atribuídas ao chamado Renascimento cultural europeu dos séculos XV e XVI. Esse tipo de pensamento exclui qualquer possibilidade de pensar em alternativas de produção artística em África que se pautam por outras lógicas de circulação e dinamização social. Conseqüentemente, há o impedimento de estabelecer uma conexão entre produção artística e estudantes negros cuja superação pode ocorrer pelo contato com obras que tragam elementos de representatividade e não apenas representação.

Dentre os resultados obtidos, podemos destacar uma roda de conversa realizada logo após a ida à exposição, os trabalhos finais do semestre em formato de diário de visita e reverberações da saída externa em outros conteúdos programáticos decorrentes no ano letivo. A seguinte parte desse trabalho exemplifica como os conceitos da decolonialidade por um viés antirracista podem ser visualizados pelas narrativas produzidas por estudantes negros carregadas de vivências e reflexões autorais a partir da exposição.

RESULTADOS OBTIDOS

Dentre os resultados obtidos com a experiência realizada, podemos destacar alguns que se relacionam com uma proposta pedagógica referenciada nos conceitos

decoloniais. A concretização da implementação da ida à exposição em conexão ao ensino curricular da história da África pôde ser visualizada pelas devolutivas com os estudantes e nos planejamentos que ocorreram posteriormente.

Em relação aos estudantes, realizamos uma roda de conversa em sala de aula, logo no primeiro encontro após a ida à exposição, contando com comentários livres e debates em torno das questões propostas pelo docente e discentes sobre a “Ex Africa”. Uma das questões que mais mobilizou os debates girava em torno do “significado” das obras e das ideias explicitadas ali, como por exemplo, na sequência fotográfica “GÊNESIS [JE N’ISI ISI] III” (2016) de Kudzanai Chiurai.



Figura 1: "Gênesis {Je n'iss isi} III" (2016) de Kudzanai Chiurai.



Figura 2: "Gênese [Je n'iss isi] X" (2016) de Kudzanai Chiurai.

Os estudantes, principalmente as meninas explicitaram que se encantaram com a beleza da “mulher negra fardada” e quando questionados sobre o porquê dela ser tão linda, comentários como “perfeita”, “sei lá, ela tem uma pele linda”, entre outros surgiram. Mas, o principal era ligado à surpresa de ver uma mulher negra num posto de comando militar com uma postura de força. Essa sequência também impressiona, visto que é o encontro entre um missionário britânico – referência a David Livingstone – e uma soberana africana de igual para igual, fato muito ressaltado entre os estudantes.

Essa sequência também apareceu nos diários de visita como de duas estudantes negras. Diz uma delas:

Assim como muitos, o que mais me chamou atenção foi a foto da mulher fardada.

Além de sua beleza, o que mais me chamou atenção foi o simples fato de ser uma mulher. Ao pensarmos em militares, a imagem que nos vem à cabeça são de homens brancos fardados, mas na foto era uma mulher negra quem ocupava esse papel. Estudante L.

A mesma estudante também comentou a respeito da obra “Instalação Troca Pela Vida” da artista Ndidi Dike que é montada com diversos objetos utilizados no período da escravidão atlântica como moedas, algemas, manilhas, cartazes de venda de escravos, entre outros. Essa obra geralmente surgiu nos relatos das estudantes negras com uma carga emocional como demonstra a fala da mesma aluna do trecho anterior. Diz ela:

Ao ver a mesa com objetos que eram utilizados para tortura e aprisionar os escravos, me vi mais uma vez com a garganta entalada e os olhos cheios de lágrimas. Se para nós mestiços que somos descendentes daqueles negros que sofreram tanto um dia, já é horrível ter de lidar com palavras infringidas à nós que machucam tanto, imagine para aqueles que sofriam fisicamente e psicologicamente dia após dia sem nenhuma pausa, mas que continuaram lutando por seus direitos e por sua liberdade. Estudante L.

Ainda sobre a sequência fotográfica de Kudzanai Chiurai, uma outra estudante negra também ressaltou a “mulher negra militar” e a obra de Ndidi Dike dando mais detalhes de sua percepção e o impacto em sua subjetividade. Diz ela:

Então depois daquelas fotografias foi para o outro comôdo que era uma foto ou pintura de uma mulher negra muito linda com um vestimenta de soldado, como uma pessoa muito importante, essa mulher aparecia em outro quadro que representava o missionário está cara a cara com uma mulher vestida com roupas tribais que, ao contrario do que se poderia esperar, não olha para baixo postura de respeito ou medo, mas encara o europeu. Outra mulher, vestida de soldado, também enfrenta a situação de cabeça erguida. Isso é muito difícil pois naquele tempo o negro só servia como escravo essa imagem retrata ao contrario. (...)

Na exposição teve uma mesa que eu fiquei emocionada com aquilo, era vários objetos usados na escravidão, noticas de jornais para venda de escravos, objetos que eles jogavam búzios, umas punições usadas quando castigados, etc. (...)

Na exposição, teve algumas coisas que eu não, com isso não vou poder conta aqui mas a coisa mais legal foi quando ouvimos alguns clipes de música. Achei a música muito divertida e animada até baixei algumas no meu cel.

Eu gostei muito da exposição pretendo volta de novo para que eu não vi algumas coisas visse desta vez. Quem sabe posso continuar essa minha trajetória, gostei muito de escrever aqui. Estudante J.

A avaliação em formato de diário relatando o dia da ida à exposição com as reflexões e análises dos estudantes sobre o que foi visto e vivido foi levado em consideração pela estudante J como uma tarefa prazerosa. Expressar suas ideias de uma maneira, à princípio sem certo ou errado, pôde nos oferecer material relevante para compreender todo um processo de construção de referenciais sobre África e sobre os próprios estudantes como demonstra o final do trecho destacado acima.

As narrativas das estudantes J e L ressaltam o impacto na subjetividade de ambas a partir da experiência na exposição “Ex Africa” marcada pela representatividade negra seja por meio da expressão de poder seja pelas marcas de dor e tristeza como aquelas da escravidão. A estudante J geralmente era tratada em reuniões pedagógicas como uma aluna com “problemas cognitivos”, agitada e difícil de lidar no dia a dia escolar, mas pelo seu diário é possível identificar uma reflexão e análise sobre as obras e si mesma.

As duas estudantes de perfis considerados distintos dentro da escola, sendo uma considerada com bons rendimentos e a outra o oposto, escrevem sobre vivências comuns e conseguem colocar sua subjetividade em conexão ao conteúdo da história da África. Avaliações nesse sentido a partir de experiências de impacto nos alunos conseguem gerar tais narrativas que analisadas pelo docente pode causar novos olhares para os estudantes.

Outra obra muito comentada foi o vídeo “Cambeck” (2011) de Binelde Hyrcan gerando um intenso debate sobre o humor e a reflexão desconfortável e triste contida na obra. Alguns estudantes disseram que essa obra chamou atenção devido ao tom cômico de brincadeira entre os meninos, outros, em contraposição aos primeiros, comentaram que “ali não tinha nada de engraçado”, como destacada inicialmente por uma estudante negra, era muito pesado aquilo que os meninos conversaram sobre pobreza, o desejo de ir para um país melhor, entre outros aspectos.

A discussão sobre o significado das obras oferecia um jogo de contraposição de ideias relevante na construção de imagens e ideias sobre África evitando os estereótipos como geralmente o racismo produz, muitas vezes, de maneira sutil. A importância dada à discussão a respeito do significado das obras, momento que o docente também se colocou em dúvida, surgiu também em comentários nos diários dos estudantes.

Sem dúvida, uma das obras que mais chamou atenção e, literalmente movimentou os estudantes, foram os clipes musicais nigerianos numa sala temática chamada “Club Lagos”, movimento de música contemporânea na Nigéria. No momento da visita à exposição, muitos estudantes colocavam os fones de ouvido para ouvir as músicas e acabavam por dançar no meio do espaço, sem vergonha alguma. O corpo saía da monotonia característica de uma visita comum a um museu para fazer parte dos videoclipes, como chama atenção as lembranças e os diários de visita como já mencionado nos trechos destacados da estudante J.

Muitos dos estudantes comentaram depois que fizeram *download* das músicas africanas contidas na exposição para os celulares ou ouviram depois na *internet*. Nos diários, muitos associavam os vídeos com os vistos no Brasil, com aqueles produzidos pelos Estados Unidos da América e, musicalmente, lembravam do hip hop, rap, pop, etc. Também marcaram os temas recorrentes nos clipes como romance, dinheiro, carros, mulheres, temas comuns também na produção musical brasileira. Não foi possível realizar algum trabalho específico sobre as ideias de África existentes nos videoclipes, mas poderia ser uma atividade de extremo interesse por parte deles.

Como já mencionado ainda no momento da roda de conversa, a provocação do docente sobre nenhum dos estudantes ter escrito a palavra “arte” na resposta ao trabalho prévio sobre “o que vocês pensam quando falamos em África?” foi colocada em sala gerando incômodos. Alguns estudantes tentaram justificar argumentando que colocaram “cultura”, mas reforçamos o fato de ninguém ter escrito a palavra “arte” mesmo que era sabido que íamos para uma exposição artística africana.

Não considerar a África, africanos e seus descendentes como artistas, em suma, produtores de arte e conhecimento dessa ordem, é parte integrante da “colonialidade do

saber”. O europeu branco é posto como universal, mas, na verdade, como uma ideia de único capaz de produzir arte ao passo que o “racismo epistêmico” é novamente operado pela negação da existência de outras maneiras de pensar, fazer e produzir conhecimento, de uma maneira geral.

A ampliação das ideias sobre África, para além dos preconceitos, pode ser vista em, praticamente em todos os diários, por meio de falas que atestavam a surpresa positiva com aquela exposição e poder imaginar que a África tem muito o que oferecer, inclusive, em conexão às questões do Brasil. Para além, desse resultado, o impacto na subjetividade dos estudantes é visualizada para além do já mencionado, em especial, quando analisamos as produções dos estudantes negros.

Como outro resultado obtido, a experiência marcou a execução de outros módulos curriculares pelo docente como podemos ver a partir de uma questão de prova mesclando a exposição “Ex Africa” com o tema curricular da Idade Média. As obras de Leonce Raphael Agbodjélou do Benin eram todas em formato tríptico, forma de expor produções surgida na Idade Média europeia.

A questão formulada combinava o módulo curricular de Idade Média europeia com o formato medieval que o artista beninense escolheu para expor suas ideias e concepções sobre as marcas da escravização em África. Contida num teste de História marcado por leitura de imagens, muito em decorrência da experiência na exposição, a pergunta gerou alguns desconfortos em alguns estudantes por não entenderam o exame como uma avaliação tradicional de História. Apesar disso, os resultados avaliativos foram satisfatórios no sentido de um processo gradual ao longo de um ano letivo indicando reflexões, análises e construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004b

DE OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

GROSGUÉL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. **Ciência e cultura**, v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007.

LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

SANTOS, Hélia. A Colonialidade do Saber no Ensino da História: uma perspectiva pós-colonial e intercultural. **Cabo dos Trabalhos**, n. 1, p. 1-48, 2006.